

SUPLEMENTO

cultural



Este caderno é parte integrante da Revista da APM - Coordenação Guido Arturo Palomba - maio/junho 2019 - Nº 311

Feminicídio

Guido Arturo Palomba



Assassinato intencional de pessoas do sexo feminino.

A origem do termo é nova, não consta do *Dicionário Houaiss*, 1ª edição, 2001, nem do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, 5ª edição, 2009. Portanto, é um neologismo da segunda década do século XXI, mais precisamente, 2015, quando entrou em vigor a Lei 13.104/2015, que altera o Código Penal para incluir mais essa modalidade de homicídio qualificado. Na referida legislação, a razão fundamental é que o crime tenha sido praticado em razão da condição de a vítima ser do sexo feminino.

Esse tipo de delito está intimamente ligado ao relacionamento dos membros de um casal. Portanto, diz respeito ao homem que mata mulher, mas também há feminicídios provenientes de relacionamento homoafetivo entre duas mulheres, bem como o chamado feminicídio por *aberrativo ictus*, quando o agente pretendia matar uma mulher e mata outra (A atira em B e acerta em C, que morre em consequência do tiro). São ações carregadas de ciúmes e de ódio, que, via de regra, ocorrem após a separação do casal. O homem, inconformado, não admite perdê-la e, quando percebe que esta já não lhe pertence, parte para a agressão física e, não raro, a mata.

Geralmente, o feminicídio tem algumas características pelas quais se distingue dos assassinatos das mulheres em geral. Estes ocorrem na maioria das vezes na rua, enquanto o feminicídio acontece dentro de casa. Outra característica é que a não aceitação do rompimento do vínculo de relacionamento com a vítima leva o criminoso a momentos de extremo ódio e, nesse passo, desfere múltiplos golpes na mulher, além de a ação revelar bastante crueldade.

Outro fato comum é que os assassinos, antes do ato final, já agrediram as vítimas, além de tê-las ameaçado reiteradas vezes.

É preciso lembrar que, antes de o crime ocorrer, muitas vezes a mulher já procurou a delegacia de polícia para dar parte do agressor, que, chamado a prestar depoimento, promete que tal fato não vai mais se repetir. E se repete, o que faz do feminicídio uma "morte anunciada".

Especialistas recomendam que, após a primeira ameaça ou agressão, a mulher não dê mais chance para que novas atitudes semelhantes ocorram, afastando-se por completo do cônjuge ou companheiro, o que nem sempre é fácil, pois, às vezes, existem filhos e bens em comum, o que dificulta tal medida.

O homem agressor é sempre um covarde que parte para cima de pessoa indefesa ou com pouquíssimas possi-

bilidades de revidar à altura, além de ser inseguro de si mesmo, e que, por ter vivido com a vítima, acha-se no direito de ser o seu "dono". Quando percebe que não é nada disso, que a perdeu para outro ou que passou a ser alguém sem qualquer importância, não se conforma e pratica o feminicídio.

Aquele que age assim tem, sempre, no mínimo, uma constituição intelectual deficitária, que o impede de tomar o seu rumo natural e respeitar os espaços e os desejos do próximo, além de ser portador de sentimento ruim, que vai do ciúmes ao ódio, sem freios e sem o devido e necessário domínio sobre si mesmo.

Esses déficits de que padece têm diversas origens. As mais comuns são a oligofrenia, o alcoolismo, a toxicomania e a epilepsia.

Quanto ao grau de imputabilidade penal, não basta que o indivíduo tenha uma patologia mental para que o grau se altere. É necessário que as capacidades de entendimento e de determinação estejam comprometidas.

Um fato deveras importante para mensurar esse aspecto é atentar para o delito. Aqueles criminosos que acham que agiram corretamente, que não se arrependem, não mostram qualquer remorso e são indivíduos perversos, a lei deveria lhes recair com o grau máximo de punição, pois são criminosos comuns irreversíveis.

Por outro lado, se a conduta do assassino não é pontilhada por outras passagens agressivas, se há remorso verdadeiro, arrependimento, tristeza pela tragédia e às vezes até tentativa de suicídio (devido à dor afetiva e moral), o grau de imputabilidade pode estar diminuído por estreitamento de consciência.

Finalmente, é preciso recordar que a punição tem efeito terapêutico, além de intimidativo, mostrando para aquele que ainda não praticou semelhante delito quais são as consequências caso venha a praticar. Nessa ordem de ideias, para aqueles que batem em mulher, em vez de cadeia ou algo que o valha, o ideal seria o cumprimento de pena alternativa, consistente em servir de *sparring* de lutadoras de MMA, por exemplo, Jéssica Bate-Estaca, Claudinha Gadelha, Cris Cyborg, por uma semana apenas. Se reincidir, o que se duvida, por duas semanas. Assim, entende-se que esses covardes vão parar de bater em suas companheiras, temos certeza.

José Jucovsky: um bom amigo judeu!

Helio Begliomini

“Não há melhor negócio que a vida. A gente a obtém a troco de nada.”

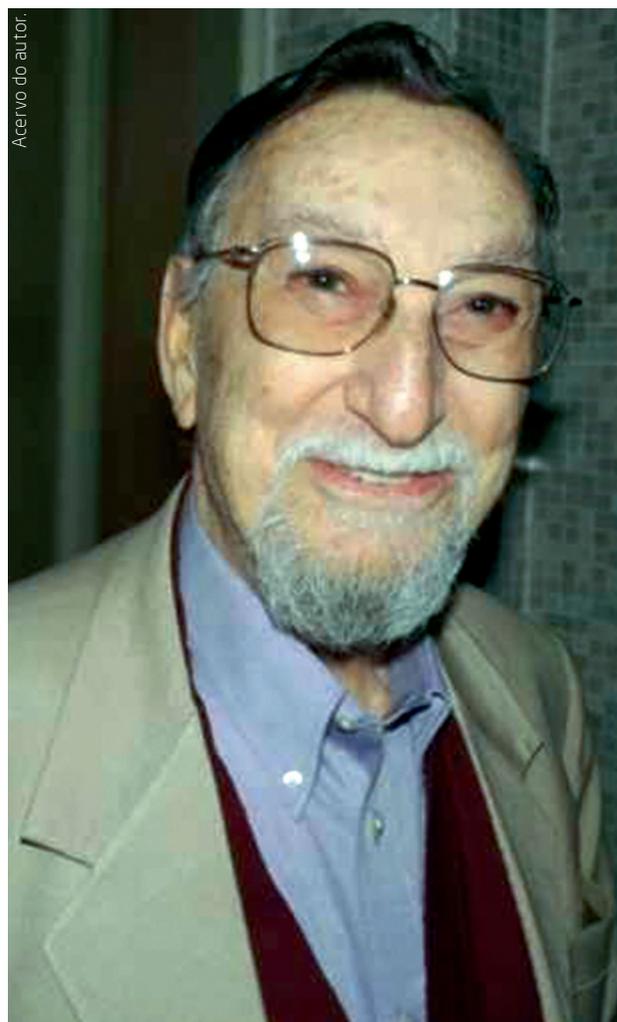
Provérbio judaico

Se, em nosso meio, o judeu tem fama de ter bom tino comercial, de não se imiscuir intimamente com pessoas alheias à sua origem religiosa, bem como de ser pão-duro, com certeza aprendi que tais condições não se aplicavam, peremptoriamente, a todos os hebreus. Seu semblante alegre e extrovertido, sua vontade de fazer amigos e de entrosar-se, sua simplicidade e generosidade contagiavam a todos os que puderam privar de sua amizade.

Refiro-me ao estimado amigo José Jucovsky, mais conhecido simplesmente por Jucovsky, que tive o privilégio de conhecer no seio da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Estado de São Paulo (Sobrames – SP). Diferentemente dos outros, Jucovsky era um judeu *sui generis!* Sem renunciar a sua condição religiosa, não somente respeitava outras religiões e sincretismos religiosos como também era uma das pessoas mais desprendidas e de mãos-abertas que tive a oportunidade de conhecer.

José Jucovsky era soteropolitano, nascido em 13 de setembro de 1925. Gradou-se, em 1950, na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. Ainda como interno, exerceu, mediante concurso, na cidade de Salvador, atividades na Maternidade Climério de Oliveira, bem como de laboratorista do Leprosário Águas Claras.

Formado, clinicou durante sete anos no norte do estado do Paraná, sendo diretor de uma Casa de Saúde. Transferiu-se, em 1957, para a cidade de São Paulo, onde se radicou e atuou como ginecologista e obstetra. Auxiliou na ampliação do Hospital Santa Adelaide, no bairro de Santana, referência à época em maternidade, na zona norte paulistana. Juntamente com outros colegas preocupados com a assistência maternal inaugurou, em 1960, o Hospital e Maternidade do Belém, na zona leste da capital. Aí, chefiou durante 30 anos os serviços de obstetrícia e de neonatologia, bem



José Jucovsky (1925-2019)

como acumulou a direção clínica, condições que predispueram a uma boa convivência com muitos estudantes de medicina e estagiários.

José Jucovsky destacou-se também como escritor. São de sua lavra as obras: *Casal Grávido* (1ª edição em 1994 e 2ª edição em 2011), destinado a orientar o pré-natal de

grávidas; *Louvando a Vida* (2004), no qual reuniu textos de sua autoria e de seu irmão, Jayme Jucovsky, então falecido; *A Dama de Branco: Romance Urbano do Recôncavo Baiano* (2012); e, já nonagenário, *O Canto das Sereias* (2006), uma coletânea de poesias, crônicas, contos e ensaios. A propósito, há um outro adágio judaico que bem se aplica neste contexto ao estimado Jucovsky: "Para o ignorante, a velhice é o inverno; para o instruído é a estação da colheita".

José Jucovsky ingressou na Sobrames – SP no biênio 1999-2000, destacando-se entre seus pares. Obteve o primeiro lugar no concurso anual de poesias, recebendo o Prêmio Bernardo de Oliveira Martins, nos anos de 2007 e 2011, além de menções honrosas em 2002 e 2005. Obteve o primeiro lugar em poesias no concurso da X Jornada Médico-Literária Paulista (2009). Ademais, teve trabalhos publicados em *O Bandeirante* – boletim mensal –, bem como em antologias e coletâneas da entidade.

Durante meses e meses a fio, fazia questão de patrocinar, anonimamente, vinho de boa qualidade a todos os presentes nas Pizzas Literárias – tertúlias mensais da Sobrames – SP. Certa feita, interpelado por mim do porquê agia dessa forma, confidenciou-me que, entre seus familiares, era hábito que o ancião pagasse a conta. Como considerava a Sobrames – SP uma extensão de sua família, sentia-se não somente no dever, mas também tinha o prazer de pagar vinho a todos.

Quando a Sobrames – SP conseguiu que sua sede estivesse nas dependências da Associação Paulista de Medicina, ele, juntamente com outro estimado sobramista, Manlio Mario Marco Napoli, patrocinaram todo o conjunto de prateleiras, a fim de que se pudesse albergar e custodiar a biblioteca da entidade, fato que facultou a ambos o reconhecimento – com aprovação unânime da diretoria – do título de sócio benemérito.

Jucovsky faleceu em 5 de abril de 2019, aos 93 anos, após uma profícua existência! Com sua esposa Molkale teve uma filha, Lilian, e um neto, André. Sua ausência será sentida por todos nós, seus amigos, pois sentimos que nos foi subtraído um dos mais diletos membros de nossa família sobramista em São Paulo.

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, Academia de Medicina de São Paulo, Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de História e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

O enigma dos esquecidos

Pedro Luiz Squilacci Leme

Trabalho há anos em um hospital público. Hoje, a grande e emperrada engrenagem funciona apenas em função da rotina estafante e monótona, não mais dos sonhos que tanto impulsionaram seu crescimento no passado.

Anos atrás, um jovem foi tratado pelo cirurgião plástico que lá trabalhava, mas ocorreu uma situação inusitada. O rapaz, próximo da idade mínima para ser atendido em enfermaria de adultos, havia nascido nos rincões profundos do País apresentando uma fenda labiopalatina e, por ignorância de seus familiares, foi considerado um verdadeiro monstro, sendo isolado do contato humano por mais de uma década, permanecendo escondido e afastado de todos em uma área rural remota.

Felizmente, alguém se compadeceu do jovem, que foi trazido para São Paulo, e o diligente cirurgião aceitou o caso, mas a absoluta penúria da família o obrigou a mantê-lo internado durante todo o processo de reconstrução cirúrgica da alteração congênita, que durou meses.

Para surpresa de todos, o menino não apresentava qualquer alteração cognitiva, apenas tinha sido isolado das informações do mundo, não sabia nem o que era uma televisão. Não teve acesso ao estudo, vivendo sem saber ler ou escrever, e principalmente sem ter com quem conversar. Sua fenda labiopalatina dificultava muito a articulação da fala, e as poucas palavras de seu parco vocabulário eram praticamente ininteligíveis.

O doloroso processo de tratamento e os vários tempos operatórios foram acompanhados de um enorme desenvolvimento do jovem, agora bem alimentado e com acesso a informações jamais sonhadas. Sua rotina era muito interessante: acordava cedo, perto das cinco horas, ia a todos os leitos da enfermaria de cirurgia e de clínica médica e acordava os doentes para desejar bom-dia, com sua voz peculiar. Não demorou a cair nas graças das enfermeiras e médicos, ganhando roupas novas e brinquedos, bens que também quase não conhecia. Recordo-me de seus passeios pelos longos corredores das enfermarias com um vistoso carrinho de plástico vermelho, trazido por um barbante. Para desespero das enfermeiras das alas, era praticamente impossível mantê-lo no quarto.

Terminado o tratamento com êxito, o jovem com longos cabelos, que praticamente não foram cortados por meses, finalmente recebeu alta e encerrou talvez o período mais feliz de sua curta existência, por paradoxal que seja considerar feliz um longo período no hospital. Sua despedida foi emocionante: acordou, como sempre, muito cedo, foi a cada leito para se despedir e, carregando uma enorme caixa de papelão cheia de brinquedos, deixou o hospital, para enfrentar o mundo novo que se descortinava. Nunca mais tivemos notícias do rapaz.

Este intrigante Kaspar Hauser contemporâneo não teve um fim trágico como a criança encontrada na Alemanha no século XIX, história real que ainda hoje apresenta pontos nebulosos e incompletos.

Relatos de crianças em ambiente hospitalar muitas vezes são emocionantes e tristes. Permita-me reproduzir partes do texto do grande professor Alípio Corrêa Netto, cirurgião brasileiro que atuou na Segunda Guerra Mundial e publicou, em 1983, o livro *Notas de um Expedicionário Médico*, baseado em seu diário, que ainda pode ser adquirido com alguma facilidade. As páginas 69 a 72 trazem um relato impressionante:

"(...)

Entre os feridos que vieram ter ao hospital nesta semana, conta-se um de interesse particular. Trata-se do menino Lorenzo. Linda criança de cinco anos apenas, toda a vivacidade, beleza, saúde e inteligência. Ele mesmo contou-nos sua triste história com propriedade e exata precisão de termos. Andava no jardim a colher flores, na sua própria casa e, tendo visto um ferro a sair da terra, como grande prego, deu-lhe inocentemente um pontapé. Seguiu-se infernal explosão – 'ed io sono cosi' – diz a própria criança. Assim, com uma das pernas amputadas, um fragmento de mina penetrou-lhe o ventre e rompeu o intestino, o outro pé completamente esfacelado. Três horas de operação para salvar-lhe a vida. Graças à penicilina, à sulfanilamida e à transfusão de sangue, esta foi salva, embora mais desventurado fosse atirado tão cedo na vida ao já grande oceano dos mutilados.

A guerra de minas, como engenho de extermínio, é de maldade infinitamente bárbara e desumana. Atinge o combatente à traição, enterrada que está no solo, disfarçada, como víbora, pronta a desferir o golpe mortal. Não contente com esta maldade, por si só capaz de definir a quintessência da perversidade dos homens, cerca-se ainda de artifícios medonhamente maléficos e macabros. Alguns colocam os 'booby-traps' nos cadáveres, amigos ou inimigos, perdidos nos campos, numa porta, numa gaveta, sob móveis, em mil pontos denominados estratégicos. Aí a morte espregueia os incautos com olhos sádicos e diabólica satisfação. E, assim, mesmo fora de ação destruidora das batalhas, os indivíduos metidos no teatro bélico continuam a ser caçados de modo singular, não permitindo aos habitantes tranquilidade mesmo depois que o silêncio domina as regiões disputadas. Cada dia a fisionomia da guerra mostra máscara de horror maior,

a denunciar a brutalidade que ainda domina o coração dos homens ditos civilizados.

No caso desta criança, notou-se requinte de maldade. Em Lizano de Belvedere morava a família de campônios, simples, trabalhadores, felizes, tirando o sustento e a alegria de viver do duro e abençoado labor de lavrar a terra. A guerra os expulsou de casa; 'esfolante' noutra região, tinham os membros da família o pensamento naturalmente voltado para o dia venturoso de poder retornar aos encantos da casinha rústica de campanha áspera. O dia veio... Em esforço estafante os soldados norte-americanos e brasileiros jogaram os tedescos para além da pinturesca Lizano, que se prosta morro acima como se reverenciasse a igreja altaneira situada no ponto mais elevado do aclive.

Regressaram. É fácil imaginar da soma de excitação e de felicidade daquelas almas simples ao transporem as portas do lar abandonado. O pequeno Lorenzo, saudoso do ponto predileto dos seus folguedos infantis, corre ao jardim onde os albos da primavera são saudados pelos primeiros brotos verdes que surgem da terra úmida e ainda fria do longo e rigoroso inverno. Tudo convida à paz e ao divertimento inocente. A mão malvada do bárbaro, nesse ambiente de sossego, colocou a sombra sinistra da morte.

O pobre Lorenzo baixou ao hospital atormentado de dores, trazendo ainda nas mãos o seu 'pinocchio', também aleijado das pernas.

A 16 de março já se nota o reboliço que precede novo avanço (...)

Lorenzo continua a ser o atrativo do hospital; todos os oficiais e enfermeiros, brasileiros e norte-americanos, vão junto ao seu leito para cumprimentá-lo e acariciá-lo; ele coitadinho, sempre sorridente, tem um olhar meigo para cada um. É paciente e alegre. (...)

A 27 de março os dias se tornam mais calmos. (...)

Deixou nosso hospital hoje o menino Lorenzo; recebeu inúmeros presentes e foi saudado ao sair muito efusivamente por todos. A sua imagem, o seu sofrimento, a sua mutilação ficarão gravados em nosso pensamento como a mais expressiva condenação à guerra".

O passar dos anos na profissão médica leva a uma redução na expressão de sorrisos, pelo contato habitual com o sofrimento alheio. A imagem de um menino de cinco anos mutilado, carregando seu "pinocchio" também sem pernas, é impactante e nos faz refletir. Muitas vezes sorrimos só com os lábios, mas sorriso franco, com os lábios e com os olhos, que descortina o estado de espírito, deixa saudades.

Pedro Luiz Squilacci Leme

Cirurgião geral.

Games educam para o bem ou para o mal?

Nelson Guimarães Proença

São Paulo, 2 de março de 2019, domingo de Carnaval. O que fazer?

Telefone para minha neta e peço que procure na Internet a programação dos cinemas: poderia estar em exibição algum filme próprio para crianças pequenas. Levaríamos sua filhinha de quatro anos – minha bisneta – para assisti-lo e meu neto de oito anos. Uma tarde própria para um programa infantil completo, poderíamos tomar refrigerante e comer pipoca.

O filme ideal para a ocasião foi encontrado: "Parque dos Sonhos", recomendado para crianças pequenas, estava em exibição em um *shopping center* famoso.

Ótimo! Lá fomos nós, uma tarde que prometia ser diferente, agradável. Cinema com cem poltronas, apenas a metade dos assentos estava ocupada. Eram muitas as crianças, levadas por familiares.

Iniciado o filme, uma surpresa: era uma montagem feita em computador.

As cenas eram filmadas em ambientes reais, mas as personagens tinham sua cabeça e seu pescoço substituídos por caricaturas feitas no computador. Metade gente, metade caricatura, resultavam em figuras grotescas. Os cenários também eram ambivalentes, alternavam-se cenários reais com cenários montados pelo computador.

Das primeiras às últimas cenas, o tema era sempre o mesmo: disputas violentas, explosões de cidades inteiras,

destruição de adversários. O filme reproduzia as situações de violência que são criadas em jogos de *videogame*.

Penso que guardo uma criança bem no fundo de mim mesmo. Naquela tarde de domingo, esta criança que tenho dentro de mim estava intacta e presente, sentiu-se mal com tanta violência e destruição e não conseguiu mais acompanhar o que se passava na tela.

Na semiobscuridade da sala, passei a observar as crianças pequenas que estavam nas poltronas ao meu redor. Algumas foram para o colo de seus acompanhantes, a expressão era de medo, mal acompanhavam a projeção. Outras já maiores – sobretudo os meninos, inclusive meu neto – acompanhavam o filme com muita atenção, sorriam quando os heróis conseguiam explodir e destruir adversários, sentiam-se vitoriosos.

Ao terminar a sessão e voltar para casa, manifestei minha insatisfação com esses tipos de filme. Eu os considerei inaceitáveis, incitadores da violência, impróprios para crianças. Como programar sua projeção em sessões infantis?

Nos dias que se seguiram, comentei isso com vários jovens pais, afinal, são eles que têm a responsabilidade de criar e educar seus filhos. Ouvi sempre uma só resposta: que isto faz parte dos dias de hoje, muitos jogos de *videogame* são baseados em confrontos violentos, ganha quem matar mais adversários.

Isso é, então, natural, aceitável? Meu Deus, para onde vamos?

Enquanto acabava de redigir esta crônica, passando minhas preocupações para o papel, eis que, no dia 13 de março, ocorre a tragédia de Suzano.

Motivo da chacina: dois jovens viciados em *videogame* estavam ansiosos para viver a experiência de matar.

Nelson Guimarães Proença

Membro da Academia de Medicina de São Paulo.



Curiosidades do Museu da APM

Seção: Urologia

Objeto: sondas de Beniqué

Com o intuito de difundir a riqueza do acervo do Museu, com narrativa de caráter informativo, a presente coluna selecionará uma peça de seu acervo, que, a cada publicação do Suplemento, contemplará uma especialidade médica distinta.

Admiração e espanto são reações muito naturais quando pessoas comuns se deparam pela primeira vez com um acervo de antiguidades médico-cirúrgicas. Seja pelo *design* peculiar de alguns objetos, seja pela improvável funcionalidade deles, parte do público custa a acreditar que certos procedimentos eram executados no cotidiano de ambientes clínicos e hospitalares. Um dos exemplos mais clássicos que ilustra esse cenário é o das sondas de Beniqué.

Conhecidas como dilatadores Beniqué, são estruturas metálicas curvadas, numeradas conforme o seu calibre (espessura), compondo, nas especialidades médicas, a seção de peças de Urologia. O instrumental leva o nome do médico francês Pierre-Jules Beniqué (1806-1851), pois este fez amplo uso do objeto com a finalidade de combater a estenose uretral. Há projetos de sondas uretrais muito semelhantes datados do início do século XVIII; no entanto, foi Pierre-Jules Beniqué que adaptou a peça e difundiu seu uso nas práticas cirúrgicas do século XIX.

A dilatação era realizada com a introdução da sonda no canal da uretra masculina, causando sua desobstrução. Não raro, a estenose era consequência de doenças venéreas, sendo a dilatação via Beniqué amplamente empregada no combate a patologias, como gonorreia. Por muito tempo, o procedimento foi realizado sem a presença de anestésico, tornando-se o terror dos *bons-vivants* entre meados do século XIX e boa parte século XX.

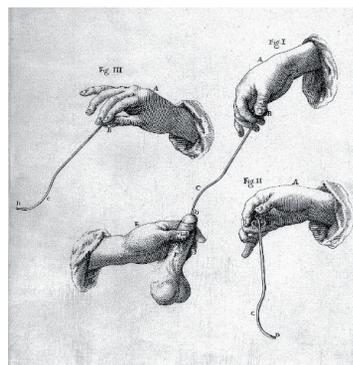
O Museu de História da Medicina da APM possui em seu acervo três conjuntos de sondas de Beniqué, todos datados da primeira metade do século XX. Ao contemplar as peças, é possível relacionar os modelos antigos aos dilatadores de uretra utilizados nas intervenções urológicas dos dias de hoje. As versões contemporâneas evoluíram material e anatomicamente, mas, ainda assim, conservam características herdadas das peças idealizadas há quase três séculos.

O Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina foi idealizado pelo Prof. Dr. Jorge Michalany e atualmente encontra-se sob a curadoria do diretor Guido Arturo Palomba. Endereço: Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 278 – Bela Vista – 5º andar. Telefone: (11) 3188-4301. E-mail: museu@apm.org.br.



Fotografia: Ricardo Alves

Sondas de Beniqué I Fabricação: Collin
Doação: Marcos Antônio Yazbek



Gravura presente no livro *Litotomia ovvero del cavar la pietra*, de Tommaso Alghisi.

Luana Andréa L. M. Cavalcanti

Historiadora

Guido Arturo Palomba

Revisão



coluna do livro

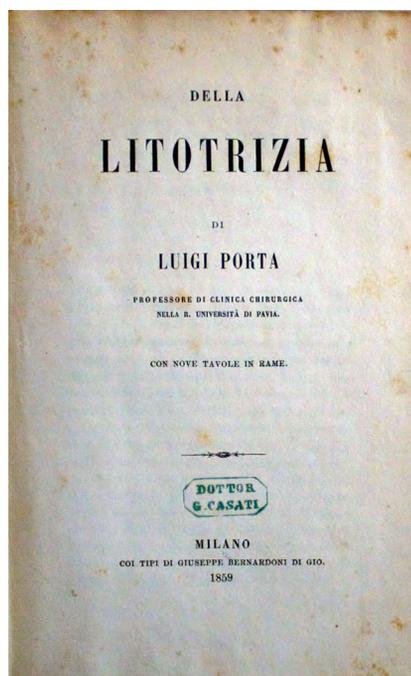
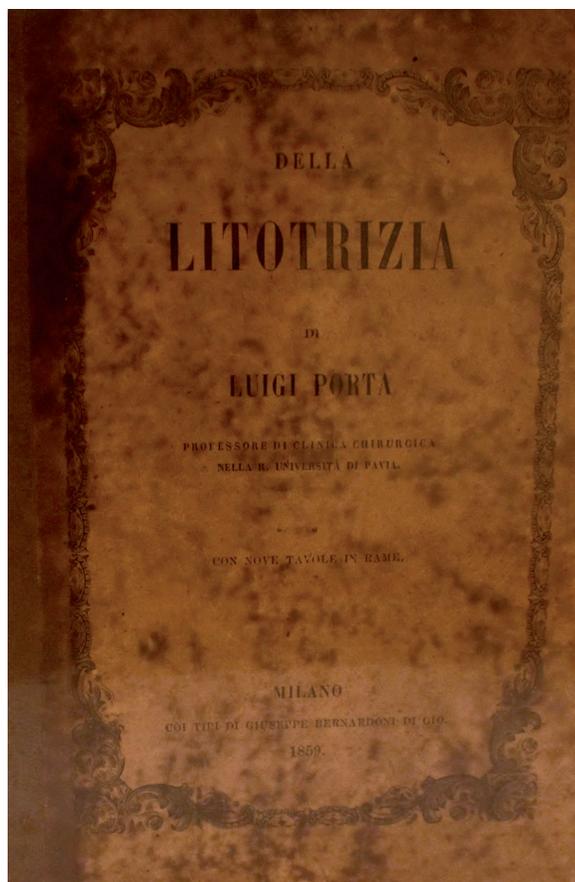
Litotrizia

Litotrizia, do autor Luigi Porta, é uma raridade histórica sobre o cálculo vesical e formas de extraí-lo, em meados do século XIX.

Aborda, além da história sobre o tema, os passos do procedimento e a técnica que deve ser dispensada na operação. Trata, também, das complicações mais comuns, além de curioso capítulo sobre extração de corpos estranhos introduzidos nas vias urinárias. Conta casos de remoção de

grão de feijão, pedaço de madeira, tubo de termômetro, palito de fósforo etc.

São 400 páginas e acompanha três belas ilustrações, em folhas triplas, com duas dobras, nas quais estão expostos instrumentais cirúrgicos usados à época. Em bom estado de conservação, capa original cartonada, publicado em Milano, Giuseppe Bernardoni di Gio, em 1859. Obra doada à APM em 13 de fevereiro de 2019, por Demerval Mattos Junior.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.